

SEMANÁRIO

www.altominho.com.pt

ALTO MINHO

**"Construtores
do Município"**



**Viana do Castelo
prestou homenagem
aos funcionários municipais
com 40 anos de serviço**

viana à esplanada



**Medidas de apoio para o uso de
esplanada na restauração.**

**JUNTOS
VAMOS
VENCER**



CÂMARA MUNICIPAL
VIANA DO CASTELO



ASSOCIAÇÃO EMPRESARIAL
DE VIANA DO CASTELO

Ó meu amor de algum dia
Havemos de ir a Viana

Pedro Homem de Melo
1904-1984

Dia de festejar Viana do Castelo



José Maria Costa
Presidente da Câmara Municipal
de Viana do Castelo

Viana do Castelo celebra este ano o 762º aniversário do Foral Afonsino em tempos excecionais, no meio de uma Pandemia que se tornou universal e que foi um teste à resistência e resiliência dos vianenses. Este tempo marcará, estou certo, a História da Humanidade e também a História de Viana do Castelo.

Mas, no meio da Pandemia os vianenses foram capazes, através das suas instituições, de mostrar resiliência e, sobretudo de afirmar por ações que a solidariedade com aqueles que ficaram mais expostos à adversidade.

Bons exemplos não faltam, é certo, mas gostava de aqui deixar uma palavra aos que, na Câmara Municipal de Viana do Castelo e nos Serviços Municipalizados de Saneamento Básico, souberam dar o seu melhor, quer através do profissionalismo com que mantiveram as suas funções, quer com as ações de voluntariado, quer com o excedente de trabalho criado pela pandemia.

Estes foram, pois, tempos únicos mas também tempos onde o brio e o profissionalismo dos nossos funcionários foram, em grande parte, o garante social e de apoio de muitos vianenses. Este é também o tempo de agradecer e de evidenciar o trabalho dos nossos funcionários, dando voz aos que, durante quarenta anos de trabalho ao serviço público, souberam dar o seu melhor, que em tempos como os atuais, quer nos tempos considerados "normais".

Estou certo que esta homenagem é merecida para os que são agraciados, mas também para todos os outros que se têm dedicado à causa pública. Esta é uma homenagem a uma parte mas que pretende evidenciar o todo, sobretudo numa das principais datas da História de Viana do Castelo: a do aniversário da atribuição do Foral por D. Afonso III que instituiu Viana do Castelo.

Em dia da festa que assinala o nascimento do Município, festejamos os trabalhadores municipais, festejamos Viana do Castelo e festejamos a nossa História.



"Os políticos vão, mas os funcionários heróis ficam"

Idalina Casal

A homenagem aos funcionários municipais de Viana do Castelo já estava a ser pensada pelo executivo municipal há algum tempo e coube ao recém-empossado vereador Ricardo Rego elaborar a proposta que mereceu a aprovação unânime de todos os vereadores da autarquia.

A pandemia obrigou ao cancelamento da Feira Medieval, durante a qual era evocada a atribuição do foral Afonsino a Viana, por isso, este ano a alteração dos planos deu origem a uma cerimónia que, de acordo com Ricardo Rego, será para dar continuidade no futuro. Com esta homenagem ficou patente que os funcionários são considerados "heróis" que fazem parte da história do Município e permanecem a prestar serviço público, alheios aos ventos e mudanças políticas de quem os governa.

"Quem esteve no terreno viu o trabalho exemplar que os nossos funcionários fizeram durante o período pandémico. E uma vez que não iria ser feita a celebração do foral nos moldes anteriores, entendeu-se que este era o momento certo para homenagear os nossos funcionários, por isso, demos celeridade a uma intenção do executivo. E esta situação pandémica motivou-nos ainda mais para fazermos esse reconhecimento", frisou Ricardo Rego, classificando a homenagem de "pura, singela e verdadeira".

A homenagem foi feita a funcionários com 40 ou mais anos de serviço e Ricardo Rego admitiu que alguns deles o surpreenderam porque não imaginava que já estavam ao serviço da Câmara há tanto tempo. "Estamos a falar de pessoas

que podem chegar a 50 anos de casa, fazem parte da história da Câmara. Há um desses funcionários que me lembro dele quando eu era jovem, trabalhei com ele no movimento associativo, quando eu tinha 18 anos, e ele já trabalhava na Câmara. Olho para ele como um colega e apercebo-me que ele já tem mais de 40 anos de serviço. Olhar para essa pessoa é olhar para a história da Câmara. O edifício permanece aqui e várias pessoas já passaram por cá, por isso, é de suma importância homenageá-las e acredito que muitas delas nem se devem aperceber que já têm 40 anos de casa", afirmou, reiterando que "os políticos vão, mas os funcionários ficam".

"Simbólico"

Esta é a primeira homenagem que a autarquia está a fazer aos funcionários municipais e Ricardo Rego garante que é para continuar. "Entendemos que esta homenagem aos funcionários deve ser feita de modo diferente até para dar simbolismo ao dia da atribuição do foral e provavelmente está a ter mais preponderância porque este não ano não realizamos a feira medieval. O dia da atribuição do foral é o mais simbólico para homenagear os funcionários porque corresponde quase à instituição da noção de Câmara Municipal do ponto de vista administrativo. É nessa altura que começa a essência do funcionário", salientou o vereador. Acrescenta que além do papel meritório que os funcionários municipais tiveram e têm tido durante este período pandémico, houve outros momentos num passado recente nos quais eles se revelaram fun-



damentais, como o período da gripe A e dos incêndios florestais de 2005. "Vamos reconhecer os funcionários com 40 ou mais anos de casa e na pessoa deles estamos a agradecer a todos os outros", frisou, enaltecendo o brio dos trabalhadores em "vestir a camisola" da Câmara.

"Heróis"

"Só quem trabalha com eles é que percebe que são os primeiros a assumir os erros e problemas. Os próximos exe-

cutivos quando começarem a trabalhar com eles vão perceber isso mesmo. Às vezes descredibilizamos o funcionário público autárquico quando o papel dele é preponderante. Esquecemos que são eles que diariamente põem a máquina a funcionar: as senhoras que alimentam os nossos filhos, que tomam conta deles nas creches, o senhor que limpa a rua ou os que montam as bancadas nas Festas d'Agonia durante a noite para no dia seguinte as desmontarem. Lembra-mo-nos que eles são heróis quando precisamos deles, mas eles são heróis todos os dias", concluiu.

Viana do Castelo homenageou "dedicação" dos funcionários



Viana do Castelo assinalou 762 anos sobre a outorga do foral de D. Afonso III. A 18 de junho de 1258, o rei atribuiu foral que criou a vila e o município de Viana. Todos os anos, recria-se uma feira medieval que, este ano, não aconteceu devido às restrições provocadas pela pandemia de COVID 19, mas a data foi assinalada de forma diferente com um programa alternativo.

Pela primeira vez, decorreu uma homenagem aos funcionários municipais e dos serviços municipalizados que contam com 40 ou mais anos de serviço. Fruto de uma proposta apresentada pelo vereador dos Recursos Humanos, a cerimónia pretendeu enaltecere o esforço levado a cabo pelos funcionários e pelas estruturas municipais em contexto de combate à pandemia por COVID-19.

O momento de reconhecimento público dos trabalhadores municipais e dos serviços municipalizados incluiu a atribuição da Medalha de Mérito de Serviço Público a todos os funcionários com antiguidade

igual ou superior a 40 anos na cerimónia comemorativa do Foral, cuja outorga permitiu criar a vila e instituindo o Município de Viana, com um estatuto jurídico, administrativo e fiscal do Município e, consequentemente, surgiram os primeiros funcionários municipais.

De acordo com a proposta apresentada pelo vereador, "o campo da atuação da administração local ao longo da História é bastante grande, assumindo especial relevância o seu papel na prestação de bens e serviços básicos à população". "Se, por um lado, é devido reconhecimento pelo trabalho desempenhado pelos funcionários neste período, não podemos deixar de ignorar que, ao longo destes 762 anos, a conquistada notoriedade do Município de Viana do Castelo, reconhecida nacional e internacionalmente, resulta, sem dúvida, do esforço, dedicação e profissionalismo de todos os funcionários municipais e dos serviços municipalizados".

Lista de homenageados

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE SANEAMENTO BÁSICO DE VIANA DO CASTELO

ANTÓNIO ARCANJO PINTO SILVA BRANDÃO
JOÃO JAIME VILARINHO MELO SÁRRIA
ROGÉRIO MARTINS AFONSO JACOME
JOSÉ MIGUEL REDONDO BARROS
ANTÓNIO NORBERTO NOVO SILVA
JOÃO DEUS GONÇALVES LIMA CAVALHEIRO
MANUEL EVANGELISTA FARIA FERNANDES
ANTÓNIO JORGE MARQUES GONÇALVES
MANUEL LIMA TEIXEIRA
JOSÉ ALBERTO MACHADO MELO
JOSÉ NELSON COSTA CASTRO
MANUEL BARROS FERNANDES
MANUEL JOSÉ PASSOS MENDES

CÂMARA MUNICIPAL DE VIANA DO CASTELO

MARIA FÁTIMA CARMO MELO NORA SILVA
MARIA LAURA GONÇALVES CHAVARRIA
MARIA GLÓRIA SILVA PEREIRA MARTINS
MARIA BEATRIZ FERNANDES CACHADA
MARIA ASSUNÇÃO FERNANDES AMORIM CODEÇO PEREIRA
MANUEL ISAIAS CARVALHO ALVES
JOSÉ SÉRGIO ROCHA SANTOS PEREIRA
FILOMENA MARIA SOUSA BATISTA CARVALHO
JOSÉ MANUEL CARVALHO COSTA PEREIRA
MARIA ROSA ARANTES BALINHA NEIVA SILVA
ZÉLIA AUGUSTA MALHEIRO CARVALHO MARTINS
JOSEÉ ANTÓNIO RODRIGUES TORRES
JUVENTINO SAMPAIO RODRIGUES
ANA MARIA PARENTE AMORIM BARROS
JOÃO SERAFIM COSTA SALGUEIRO
MARGARIDA TORRES MARTINS LEITE SILVA
HIRONDINA CONCEIÇÃO PASSARINHO MACHADO
MARIA OLÍMPIA VIANA FERNANDES RIBEIRO
ANTÓNIO JOSÉ CRUZ
MARIA CARMO CORREIA VARAJÃO

Edmar Oliveira imortalizado em pavilhão e recordado como um dos construtores do Município



Idalina Casal

O nome de Edmar Oliveira foi imortalizado no pavilhão onde este antigo soldador dos extintos Estaleiros Navais de Viana do Castelo e autarca histórico de Monserrate trabalhou com afinco para a Romaria da Senhora d'Agonia. A cerimónia emotiva de atribuição do nome contou com a família do homenageado que faleceu em fevereiro deste ano e dos seus colegas de trabalho no armazém da Viana Festas. A homenagem fez parte da programação dos 762 anos da atribuição do foral Afonsino a Viana do Castelo.

Para a autarquia de Viana do Castelo, nas palavras do autarca José Maria Costa, foi de "elementar justiça" atribuir o nome de Edmar Oliveira ao pavilhão municipal situado na Praia Norte. "O senhor Edmar era uma pessoa polifacetada (...) um homem que tinha uma intervenção cívica e política muito forte a todos os níveis, tendo desempenhado funções autárquicas muitos anos e sen-

do reconhecido pela dedicação à arte, cultura e com uma grande paixão pelas festas do concelho. Esta homenagem que vamos fazer ao senhor Edmar é também uma homenagem a todos aqueles que trabalham de uma forma abnegada e dedicada, com grande profissionalismo e, acima de tudo, com grande sentido daquilo que é a sua intervenção pública", frisou José Maria Costa. Enquadrando esta cerimónia na programação dos 762 anos da atribuição do foral a Viana do Castelo por D. Afonso III, o autarca considerou que Edmar Oliveira "foi também um construtor do Município", reiterando que nesta homenagem estão incluídos "todos os colaboradores municipais que, ao longo destes 762 anos, tem ajudado a construir o Município de Viana do Castelo".

António Basto, da União de Freguesias de Viana do Castelo (Monserrate e Santa Maria Maior) e Meadela, foi uma das pessoas presentes na cerimónia que mais conviveu com Edmar. Com ele atravessou os quatro mandatos autár-

quicos à frente da Junta de Monserrate. "Sinto orgulho em fazer este papel já que acompanhei, durante muitos anos, o Edmar em todos os seus momentos políticos no dia-a-dia na defesa de Viana, mas principalmente da nossa Ribeira. Sem margem para dúvidas, o Edmar para nós era um homem bom, de consensos e sempre muito preocupado com os mais carenciados", recordou Basto, reiterando que Edmar "procurava sempre levar a bom porto as tarefas e fazer da equipa de trabalho uma família". "Era o treinador, o jogador e capitão da equipa. Fazia sempre amigos e na Ribeira e em Viana sabiam que ele era um dos seus e procurava que Viana ganhasse cada vez mais prestígio. Viana é grande e o Edmar ajudou muito para isso", concluiu.

António Cruz, presidente da comissão de festas da Romaria da Senhora d'Agonia, recordou que conheceu Edmar quando entrou para a organização das maiores festas da cidade. "Comecei a ir lá baixo ao anterior arma-

zém e a ter contactos com ele e vi o artista que estava ali, desde os pequenos bonecos que fazia em arame e o gosto especial que ele tinha por tudo o que dizia em respeito a Viana e às festas", lembrou. Também o seu papel de autarca foi lembrado por Cruz, através do testemunho da sua esposa que lhe falava do presidente da Junta de Monserrate "sempre disposto a ajudar". "O Edmar era uma pessoa que colaborava com toda a gente. Como encarregado de armazém, era um excelente trabalhador que ensinava o pessoal e era exigente. Tínhamos sempre a perceção que tudo iria correr bem porque o Edmar não era homem de deixar cair a toalha ao chão e, por isso, era uma tranquilidade para a Comissão de Festas e, mais tarde, para a Viana Festas, saber que tínhamos alguém no armazém que era capaz de resolver sempre que fosse necessário", salientou, notando que, na mesma medida em que era exigente, também defendia os funcionários de armazém com a mesma intensidade.

"Ele é como o Amadeu Costa, estará sempre aqui"

Flora Silva, atual presidente da Assembleia Municipal e antiga vereadora da Cultura e Educação de Viana do Castelo, admitiu a emoção em participar na cerimónia. "O senhor Edmar, para além de um trabalhador exímio, era um presidente de Junta próximo de todos os vianenses de Monserrate. Foi, de facto, um amigo. Tínhamos as nossas divergências políticas e era extremamente interessante conversar com ele porque tinha um humor muito especial. Era, como eu lhe dizia, sempre do contra. Foi de facto um modelo para todos os trabalhadores que penso que terão muitas saudades dele. Era um homem de uma dedicação extrema. Um homem bom e que tinha um coração imenso, mesmo quando retilava", afirmou. Flora Silva recordou ainda o empenho que Edmar Oliveira teve, enquanto presidente da Junta, em montar um infantário em Monserrate. "Ele tinha uma grande proximidade à escola e lembro o carinho com que ele montou o infantário, que era ainda da Junta, porque sentia as necessidades das mulheres da Ribeira de terem um apoio", recordou. "Eu conheci-o no outro armazém das festas, que era um barracão e, quando a Câmara decidiu fazer este armazém das Festas e criar a Viana Festas, ele foi absolutamente estruturante, por isso, acho que todos lhe devemos muito pela sua dedicação como autarca e trabalhador. Como o presidente da Comissão de Festas dizia, ele era muito exigente com os seus homens. Quando tinha de passar um raspanete, não tinha qualquer reбуço, mas quando era preciso a defendê-los, ele era o primeiro a fazê-lo, com unhas e dentes e, por isso, é uma saudade imensa que ele deixa", acrescentou, finalizando com uma menção à filha do homenageado. "O seu amor à filha era uma coisa que sempre me comovia porque era imenso e carinho tão grande. A festinha que a gente podia fazer à filha era como beijar o coração dele, por isso, à família muitos parabéns porque tiveram um marido, um pai e um avô excelente. E para nós, autarcas, o senhor Edmar foi um modelo de dedicação. Esta homenagem é muitíssimo justa. Ele é como o Amadeu Costa, estará sempre aqui", finalizou.

Família emocionada

A esposa, filha e neta de Edmar Oliveira participaram na cerimónia e não esconderam a emoção com a homenagem. "O meu avô foi uma pessoa que sempre se dedicou a Viana do Castelo de corpo e alma. Uma pessoa que sempre ajudou os mais carenciados, que se dedicou às Festas de Nossa Senhora D' Agonia e acredito que as festas estão como estão também graças a ele. Estamos muito orgulhosos por aquilo que ele fez e agradecemos muito esta homenagem e a todos os que estiveram pre-



sentes na vida do meu avô e que estive-ram cá hoje", sintetizou a neta Rafaela Oliveira. A emoção da esposa de Edmar, Amélia Oliveira, permitiu-lhe dizer que ele "foi um homem bom" e recordar que o conheceu num baile num jardim. "Ele convidou-me para dançar e dançava

bem. Foi aí que me encantei por ele", confessou. Após um casamento com mais de 50 anos, Amélia e Edmar tiveram dois filhos. O filho mais velho não pôde estar presente, mas a filha Sandra, a tal que a presidente da Assembleia Municipal fez questão de mencionar



Edmar José dos Santos Oliveira (1941 - 2020)

Edmar Oliveira nasceu em 1941 em Viana do Castelo. Iniciou a sua actividade profissional como grumete do Hotel Santa Luzia, passando depois para a secção de soldadura dos ENVC onde desenvolveu a sua actividade ao longo de quase quarenta anos chegando ao cargo de chefia. Foi praticante de remo no Clube Náutico de Viana. Desde novo foi-lhe reconhecido o jeito para trabalhos artísticos de entre os bonecos de arame aos típicos cabeçudos que muito bem concebeu e que prestavelmente foi ensinando aos mais novos. Durante cerca de 20 anos foi responsável pelo armazém da Câmara Municipal onde são construídos os carros alegóricos das Festas da Agonia. Exerceu o cargo e presidente da Junta de Monserrate entre 1982 e 1997. Foi agraciado com o título de Cidadão de Mérito da cidade a 20 de janeiro de 2014.

pelo amor que o pai sempre demonstrou por ela, também não escondia a emoção com a homenagem. Em poucas palavras resumiu a relação afectuosa que tinha com o seu pai: "Iamos sempre à festa e passear muitas vezes de manhã cedo. Passeávamos muito pela avenida e eu ia sempre andar com ele."

Elias Fernandes trabalhou 25 anos com Edmar Oliveira. "O gosto que tenho às festas devo-o a ele. Aprendi a gostar das Festas da Senhora d'Agonia com ele. O senhor Edmar é insubstituível e faz muita falta", enalteceu o atual encarregado do armazém onde a maior romaria de Viana é preparada anualmente.

Rua que passou continua a contar a

Idalina Casal

Estreita e ladeada por altos edifícios, a Rua de Viana passa despercebida aos mais desatentos. Perpendicular à Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, a Rua de Viana já foi Rua do Cais e tem em si anos da história da cidade que nasceu por vontade de D. Afonso III, o monarca que disse amar a Viana da Foz do Lima.

A placa com o topónimo da Rua de Viana está fixo na parede do antigo Hotel Aliança que por estes dias continua em obras, mas que já foram interrompidas precisamente por se terem encontrado vestígios da antiga muralha da cidade. A ideia de que a Rua de Viana seria a rua mais antiga de Viana não corresponde à realidade. Acreditando no que Carlos Alberto Ferreira de Almeida diz, a Rua do Cais (mais tarde chamada Rua de Viana), inicialmente, ficava fora de muros o que significa que todas as outras seriam mais antigas que ela. Só com o acrescento da muralha em período Fernandino é que aquele espaço passa a ser integrado no circuito muralhado. A ideia da antiguidade do lugar de Viana é difundido por Carneiro Fernandes (in Viana Monumental e Artística). Mas aí refere a existência de um Lugar e não da Rua, por acreditar que se o Monarca "De Novo Impõe o Nome de Viana" é porque este existiria e provavelmente se localizava no espaço onde o burgo foi implantado.

Na esquina da rua com a avenida central de Viana está uma loja que conta muita da história das tradições de Viana. Saltam à vista as cores dos artigos regionais que dão identidade a Viana e que são procurados por milhares de pessoas ávidas por levar um pouco desta cidade consigo. Dentro da loja, já trabalharam jovens mulheres a costurar e bordar peças dos trajes que hoje se tornaram chamariz turístico. Actualmente, os trabalhos por encomenda são feitos por costureiras e bordadeiras das aldeias do concelho com as quais a loja mantém ligação.

Negócio familiar que já tem mais de 70 anos, a loja Arte Viana tem sabido aguentar o "barco", apesar das marés pouco favoráveis que os tempos pandémicos mais recentes têm trazido. "Não temos turistas nem os emigrantes que são o nosso maior comprador porque vendemos muitos trajes para fora para grupos, associações ou ranchos folclóricos. São o nosso cliente de Inverno e vivemos com o negócio feito com os trajes que enviamos para todo o mundo.



do Cais a Viana a história da cidade



Agora está tudo completamente parado", contou Carla Bravo, filha da proprietária da loja Arte Viana, admitindo que o facto de não pagar renda pelo espaço lhe permite ter a porta aberta. "Normalmente entram duas a três pessoas na loja durante o dia", acrescentou. Sem ascentes de visitantes que o verão e a Romaria d'Agonia costumam atrair, Carla Bravo teme que o "futuro seja muito negro" para o negócio. "Nós costumamos vender muitas peças do traje e alugamos trajes. Já tínhamos muitas reservas de traje para o Desfile da Mordomia, mas foi tudo cancelado. Muitas clientes pediram para reservar para o próximo ano, mas outros querem reaver o sinal que deram", contou. "Vamos ver se abrindo as fronteiras as pessoas ganham coragem para vir para cá e sabemos que o emigrante tem sempre a vontade de regressar à sua terra. Esperamos que venham alguns e comprem alguma coisa, caso contrário vamos passar um inverno muito difícil", antecipou a filha da proprietária da loja que emprega duas pessoas, além da sua mãe.

Com cerca de 50 metros de extensão, emergem pequenos negócios na Rua de Viana, essencialmente ligados à restauração, com destaque para casas já com nome firmado na praça como

Maria de Perre ou um dos poucos restaurantes vegetarianos da cidade, e casas restauradas para alojamento local. Mas no meio da rua, saltam à vista as portadas vermelhas da Casa dos Nichos, um edifício do século XV recentemente recuperado para acolher uma área expositiva onde pode ser visto parte do espólio arqueológico do concelho, com destaque para o período da Pré-história, Idade do Ferro e Romanização. Ou seja, dentro deste núcleo museológico situado na rua que dá nome à cidade, está parte da história dessa mesma cidade. Com uma forte vocação pedagógica, o visitante tem ao dispor meios multimédia para aceder a informação sobre o património concelhio, como a citânia de Santa Luzia, as sepulturas medievais de Santa Maria de Geraz do Lima ou as gravuras rupestres de Carreço.

No tempo em que a Rua de Viana era Rua do Cais, tudo indica que esta Casa dos Nichos esteve ligada ao comércio, podendo ter funcionado como grande armazém. Os nichos - rasgos numa parede que protegem figuras - que dão nome à casa estão situados na fachada do edifício. Um dos nichos tem o arcanjo Gabriel e o outro tem a Virgem Maria.

Hugo Lopes, técnico de arqueologia



que desenvolve o serviço educativo na Casa dos Nichos, admite que o seu trabalho sofreu uma drástica alteração com a pandemia. Costumava acompanhar e monitorizar as visitas de vários alunos à Casa dos Nichos numa vertente interactiva que teve de ser suspensa. "Neste momento temos apenas a vertente expositiva a funcionar com visitas

limitadas", contou. Entre as várias publicações que existem na Casa dos Nichos, Hugo mostrou algumas com mapas antigos nos quais é patente o motivo pelo qual a atual Rua de Viana já foi Rua do Cais. O rio Lima, hoje mais afastado, já passou bem perto da rua de Viana e por ali abundavam barcos e trocas comerciais.

"Depois do mandato, eles vão para o lado de lá do balcão e nós ficamos cá"



Idalina Casal/Micaela Barbosa

Cantoneiro, administrativo, tesoureiro ou assistente técnico de escola são algumas das funções que compõem o rol do grupo de 33 funcionários municipais homenageados. A maior parte deles, ingressou na Função Pública com as alvissaras de Abril numa altura em que trabalhar para o Estado era sinónimo de segurança profissional para a vida. Quatro décadas volvidas, são estes funcionários que permanecem em funções e vêem a caravana dos políticos passar.

Entre os 33 funcionários, Maria Silva é a mais antiga funcionária pública na Câmara Municipal de Viana do Castelo. Foi admitida no dia 4 de outubro de 1972. Começou em África e, quando regressou a Portugal, no dia 3 de março de 1979, entrou diretamente como assistente técnica no antigo liceu, atual Escola Secundária de Santa Maria Maior. "Foi uma boa experiência. Guardo de tudo um pouco desde bons colegas e professores, excelentes conselhos executivos e os alunos são espetaculares. Correu tudo bem e, a partir de julho, vou para a reforma e, por isso, levo muitas boas recordações", afirmou a funcionária de 66 anos.

No dia 1 de janeiro de 1977, José Sérgio Pereira abraçou a Função Pública. Diz

orgulhosamente que já tem 43 anos e meio em funções públicas e 50 de descontos. Antes de se tornar, há 11 anos, funcionário na Câmara de Viana do Castelo, primeiro no pelouro da Educação e atualmente na secção de Desporto, José Sérgio esteve na Direção Geral de Desportos e Direção Regional de Educação do Norte. "Em boa hora comecei a trabalhar na Câmara Municipal porque é um trabalho que é gratificante pela proximidade muito forte com os municípios, escolas, clubes, associações, instituições, treinadores, atletas e dirigentes", afirmou José Sérgio que é visto amiúde em cerimónias públicas a representar o vereador do Desporto.

"Acho que a Câmara fez muito bem em reconhecer o trabalho destes funcionários. O funcionário público tem um trabalho de responsabilidade com as instituições e com os cidadãos", frisou o funcionário que tem acumulado experiência na administração central do Estado e administração local. José Sérgio corroborou, por fim, a intervenção do presidente da Câmara em relação à importância dos funcionários municipais durante o período pandémico. "O trabalho deles foi muito além das suas tarefas profissionais e eles apareceram e mostraram-se sempre disponíveis", enalteceu, indicando que fevereiro de 2021 é a data prevista para a sua

reforma. "Vamos ver o que vai acontecer. Sinto-me bem, mas também é preciso dar lugar a outros, há muitos bons profissionais jovens que têm de ter oportunidade e eu estarei sempre disponível para colaborar com eles", concluiu.

Aos 59 anos, José Alberto Melo completa, em novembro, 41 anos de serviço na Câmara de Viana do Castelo. Começou por ser cantoneiro de limpeza e atualmente é administrativo dos Serviços Municipalizados. "Quando eu entrei, era tudo ao molho e fé em Deus", lembrou o trabalhador natural de Viana. Exerceu as funções de cantoneiro durante 16 anos, no período nocturno, e recordou as dificuldades que passou para manter o celheiro limpo.

"Foi difícil a apanhar chuva e vento... eu é que sei o que passei. Muitas vezes saía de casa a chover e chegava ao meio do turno todo molhado. Havia alturas em que pegava às oito da noite e largava ao meio dia ou fazia da meia-noite ao meio-dia", contou o funcionário, considerando que o trabalho dos trabalhadores municipais como ele "é muitas vezes esquecido". Ainda com alguns anos pela frente antes da reforma, José Alberto Melo diz que "preferir trabalhar do que ser penalizado" por pedir reforma antecipada e garante que o ambiente no seu trabalho "é impecável". "Saio daqui orgulhoso por este reconheci-

mento que acho que é merecido", rematou.

"A gente até rejuvenesce entre os miúdos da escola"

"Muito feliz" por ver o seu trabalho reconhecido também ficou também Maria Rosa Balinha, de 61 anos. É assistente técnica no Agrupamento de Escolas da Abelheira e entrou para a Função Pública, em 1978. "Comecei na Segurança Social e só depois cheguei às escolas. Tem sido uma experiência muito boa. É sempre muito bom lidar com os miúdos. A gente até rejuvenesce junto deles", disse, entre risos.

Já Manuel Fernandes é cantoneiro de limpeza nos Serviços Municipalizados desde 17 de julho de 1979. "Sinto-me muito contente por reconhecerem o nosso trabalho, depois de tantos anos. Como cantoneiro, sempre gostei muito daquilo que fazia. No entanto, eram trabalhos mais forçados e agora estou de baixa profissional com a cartilagem do joelho gasto, uma tendinite nos ombros, tenho uma hérnia e problemas de coluna", lamentou, salientando que vai guardar recordações "muito boas" do seu percurso profissional.



Com uma função menos exigente do ponto de vista físico, mas com mais responsabilidade, João Sárria, 62 anos, é tesoureiro dos Serviços Municipalizados. Entrou para a Função Pública a 1 de abril de 1980. "Nunca tive qualquer problema com colegas, fiz muitas amizades e sempre respeitei e fui respeitado. Mesmo ao nível dos utentes nunca houve nada que possa apontar como negativo. Este prémio simboliza o nosso trajecto dentro do funcionalismo público e estou obviamente feliz", resumiu.

Zélia Martins entrou em 1973 para a Função Pública. Primeiro foi funcionária nos serviços florestais de Viana do Castelo com a função de apontador, que na prática significa que tinha de anotar as horas de trabalho dos funcionários. Depois entrou na Câmara como 3º oficial, em funções administrativas. "Agora sou técnica superior depois de ter terminado a minha licenciatura. Acabei por ser valorizada pela Câmara com esse posto depois disso", contou a funcionária de 59 anos, residente na Areosa. "Foi sempre um trabalho pacífico e executado com rigor e muita colaboração dos colegas e superiores a quem estou grata e agradeço por isso esta homenagem", concluiu.

Filomena Carvalho tem 62 anos e trabalha há 43 na Câmara de Viana. "Comecei como auxiliar de secretaria a fazer

recibos de vencimento com canetas de tinta permanente que eu nem sabia como utilizar. Escrevíamos tudo num livro tão grande que tínhamos de colocar num "banquinho" para chegarmos a ele. Outros tempos... Hoje é mais fácil de trabalhar, mas naquela altura o companheirismo, amizade e solidariedade eram melhores. Éramos mais altruístas e agora somos mais egoístas", atirou.

"O presidente que oferecia bilhetes a todos para o Santoinho"

Esta funcionária administrativa guarda algumas memórias emblemáticas do seu percurso. "Recordo-me que no ano em que nevou (1987) estávamos três colegas grávidas e já com grandes barrigas. Nunca tinha visto nevar em Viana e lá saímos todas para a rua, deixando o serviço, e o presidente acompanhou-nos ali no jardim da Caridade a fazer bolas de neve e a atirmos umas às outras", relembrou, considerando que a sua "mãe" na Câmara foi Margarida Morais da Fonte. "Foi essa senhora que me ensinou tudo e éramos dedicadas uma à outra. Infelizmente já faleceu, aliás como a D. Maria do Carmo Gonçalves, o Adriano Barros Pinto que

faleceu há pouco tempo e que merecia estar hoje aqui connosco. Lamento muito que cá não estejam", disse. Em relação aos presidentes de Câmara com quem já trabalhou, Filomena recordou "com muita saudade" Lucínio de Araújo e Branco de Morais. "Além desses, apanhei o António Alves da Cunha, Henrique da Mata, Carlos Batista na transição, Defensor Moura e agora José Maria Costa. Houve também uma altura em que houve uma comemoração sobre comboios de máquinas a vapor e fomos todos a essa festa. Era no tempo do António Alves da Cunha, o presidente que oferecia a todos bilhetes para o Santoinho. Fazia muitas festas para os funcionários", recordou.

"Fui presidente da Câmara por cinco minutos"

José Costa Pereira, 62 anos e residente em Viana do Castelo, entrou como "indiferenciado" para a Câmara em Dezembro de 1977. "Tanto podia vir de sapato de pala como de chancas. Fui "portamiras" com topógrafos e participei nos levantamentos topográficos das zonas industriais de São Romão do Neiva. Estive seis anos na tesouraria da Câmara, fui dactilógrafo e agora sou assistente técni-

co", contou o funcionário que chegou a "ser presidente da Câmara" por alguns momentos. "Quando trabalhei no gabinete de apoio ao presidente da Câmara, no tempo do Lucínio de Araújo, tive que representar a edilidade na recepção da comissão de festas de Vila Franca porque não estava ninguém da parte política para os receber. Nem o guarda do edifício, que era o senhor Francisco Lima, estava! Fui, por isso, presidente da Câmara por cinco minutos", recordou, entre risos.

José foi também secretário da comissão de festas da Senhora d'Agonia e também esteve ligado à assessoria de exteriores quando foi filmada em Viana a novela "Os Lobos". "Trabalhei com o Filipe La Féria e hoje sou guitarrista de fados e tenho acompanhado, sobretudo no Porto, uma série de fadistas", acrescentou.

"Guardo boas memórias de vários políticos e ainda hoje alguns cruzam a rua para me cumprimentar. Infelizmente outros fogem... Nós costumamos dizer que isto é uma passagem. Depois do mandato político eles vão para o lado de lá do balcão e nós ficamos cá", atirou. "Infelizmente esta nova geração de funcionários, quando nos cruzamos nos corredores, nem bom dia nos dão. A mudança é muita e os tempos são outros. As pessoas já não se conhecem", lamentou.

"Tal como há 762 anos, t são fundamentais no fu



Idalina Casal

Do primeiro portajeiro que controlava as entradas e saídas da muralhada cidade de Viana na Idade Média até aos mais de mil funcionários municipais que atualmente dão vida à Câmara Municipal passaram 762 anos. A comemoração da atribuição do foral Afonso a Viana do Castelo foi feita de homenagens aos funcionários públicos municipais com 40 ou mais anos de serviço público numa cerimónia restrita no Teatro Municipal Sá de Miranda. No final, com o diploma e medalha na mão, os funcionários mostravam-se agradecidos pelo reconhecimento e sem arrependimento por terem abraçado a causa pública há mais de quatro décadas.

Com os primeiro e segundo comandantes operacionais distritais presentes, o início da cerimónia foi marcada pela atribuição de um louvor por parte da Protecção Civil ao comandante dos Bombeiros Sapadores de Viana do Castelo, António Cruz, que também fez parte do grupo de 33 funcionários agradecidos e ficou surpreendido com o gesto.



O presidente da Câmara de Viana do Castelo, José Maria Costa, reiterou que a comemoração desta data significa "celebrar a Urbe Vianense, a sua evolução histórica desde a Viana Medieval até à atualidade", dando continuidade ao legado da "bravura dos vianenses

que defenderam Viana da pirataria e dos corsários, do espírito aventureiro dos vianenses de Setecentos que partiram para o Brasil, do espírito empreendedor na construção de muralhas, pontes, escolas, igrejas, jardins, da instalação de fontes, aquedutos, abastecimen-

to de água a casas particulares". "Somos ainda herdeiros da arte de trabalhar a pedra, de adornar artisticamente altares e murais, de poetas e artistas, de pedagogos, profissionais de atividades distintas e de preservar a nossa cultura com o traje e ouro. Este é também um tempo em que recordamos todos os que conosco construíram cidade, arquitetos, urbanistas, engenheiros, artistas, operários e também governantes que ajudaram os vianenses a concretizar sonhos e projetos de desenvolvimento. Por isso, saudamos também aqui todas as Instituições que ao longo de séculos foram construindo comunidade, quer organizando atividades comerciais e empresariais, respostas sociais, proteção civil, atividades desportivas e culturais", acrescentou.

José Maria Costa enalteceu os funcionários públicos municipais pelo trabalho que desempenharam principalmente durante o período pandémico. "Neste tempo de pandemia em que todos fomos convocados a ser mais solidários, em que os funcionários públicos deram uma resposta presente na primeira linha, na saúde, na manutenção da ordem, na garantia das funções bási-

Trabalhadores municipais "funcionamento da cidade"



cas, da manutenção das funções sociais e do funcionamento da "cidade", é com elevada honra que o executivo municipal atribui as medalhas aos funcionários municipais, da Câmara Municipal e dos Serviços Municipalizados, com quarenta anos de serviço público. Mas queremos também expressar aqui o nosso agradecimento e homenagem aos funcionários, técnicos e dirigentes municipais que se disponibilizaram a colaborar noutras entidades públicas ou de serviço público às nossas populações, como a Resulima, Águas do Norte, Águas do Alto Minho, Sociedade Viana-Polis, Sociedade Polis Litoral Norte, CIM do Alto Minho. A todos eles expressamos a nossa gratidão e reconhecimento público. Este reconhecimento é extensivo também aos colaboradores da VianaFestas, à Comissão de Festas da Senhora da Agonia, que ano após ano tudo fazem para engrandecer o nome de Viana do Castelo", afirmou, alargando o agradecimento "aos aos 52 voluntários municipais dirigentes, técnicos e funcionários que responderam ao repto lançado e apoiaram de diversas formas durante a pandemia" e à "Comunicação Social, cujo papel difusor foi fundamen-



tal no período mais crítico". Deixou ainda uma palavra de apreço e de reconhecimento aos presidentes e colaboradores das Uniões e Juntas de Freguesia de Viana do Castelo.

José Maria Costa recordou também que este ano celebram-se os 90 anos dos

Serviços Sociais Municipais e dos Serviços Municipalizados. "Deixo aqui também os parabéns à direção e colaboradores dos Serviços Sociais pelo trabalho desenvolvido ao longo destes 90 anos em prol dos funcionários da Câmara Municipal e dos Serviços Municipaliza-

dos e ao Conselho de Administração, dirigentes e funcionários dos Serviços Municipalizados pelo trabalho diário realizado em prol da nossa população e que através dos tempos têm sido o garante dos serviços básicos de apoio às populações, limpeza e higiene urbana, recolha de resíduos sólidos, iluminação pública, abastecimento de água e redes de águas residuais", enalteceu, admitindo ainda ser um "privilegio ter a disponibilidade e generosidade de homens e mulheres que se dedicam à causa da proteção e socorro às populações, muitas vezes em batalhas e combates desiguais", na corporação dos bombeiros sapadores de Viana.

"Neste quadro excepcional de pandemia, a Administração Pública Local e os seus trabalhadores assumiram um papel fundamental no funcionamento da nossa cidade. Não podemos deixar de salientar publicamente a dedicação, profissionalismo e espírito de sacrifício de todos. Tal como há 762 anos, hoje os Municípios e a Administração Pública Local continuam a desempenhar um papel relevante de promotores do desenvolvimento", concluiu José Maria Costa.



Dupla homenagem surpreende Comandante dos Sapadores

Idalina Casal

O comandante dos Bombeiros Sapadores de Viana do Castelo, António Cruz, sabia que pertence ao grupo dos 33 funcionários municipais homenageados pela autarquia, mas foi surpreendido quando soube que Protecção Civil nacional lhe tinha atribuído um louvor público. Nem quando o presidente da Câmara lhe disse para ele aparecer devidamente fardado na cerimónia, desconfiou que seria duplamente homenageado.

António Cruz recebeu o louvor atribuído pelo comandante nacional da Emergência e Protecção Civil "pelas excelentes qualidades ao serviço dos bombeiros de Portugal, há cerca de 40 anos". A distinção proposta pelo primeiro Comandante Operacional Distrital (CODIS) de Viana do Castelo, Marco Domingues, foi entregue a António Cruz, na abertura da sessão solene comemorativa dos 762 anos da outorga do foral Afonsino a Viana do Castelo.

Marco Domingues leu a declaração de louvor, na qual o coronel José Manuel Duarte da Costa, comandante operacional nacional da Autoridade Nacional de Emergência e Protecção Civil (ANEPC) realçou o "rigor e competência" de António Cruz. "Com elevado sentido de missão identifica, avalia e recomenda em tempo oportuno, soluções a situações operacionalmente mais complexas com que se depara no exercício das suas funções. Possuidor de uma sólida formação e preparação técnica e uma extraordinária capacidade de trabalho



que moldam a forma diária de trabalho do comandante António José da Cruz", referiu José Duarte Costa, frisando que os atributos do atual comandante dos Sapadores de Viana "em muito contribuíram para a afirmação, dignificação e prestígio do sistema integrado de operações de socorro de Viana do Castelo e Galiza".

A atribuição desta distinção esteve inicialmente prevista para 22 de março, durante as comemorações dos 240 anos da Companhia de Bombeiros Sapadores de Viana do Castelo, nas quais estava prevista a presença do ministro da Administração Interna, mas que acabariam por ser canceladas devido à restrições de combate à pandemia.

Hoje com 60 anos, António Cruz integrou os Bombeiros Municipais de Viana do Castelo em dezembro de 1979. Em 2001 passou a adjunto de comando e, desde 2015 que desempenha, as funções de comandante.

No final da cerimónia, António Cruz acrescentava "mais uns meses" aos 40 anos de serviço público que tem prestado em Viana do Castelo. "Desde os quatro anos que ando pelo quartel dos bombeiros porque o meu pai era bombeiro. E fiz uma promessa a mim próprio de quando houvesse oportunidade iria candidatar-me. Na altura, a Câmara abriu para 25 vagas, apresentamo-nos 12 e só chegamos ao fim três: eu, o Chefe Costa, que hoje está aposentado, e o que hoje é comandante dos Sapadores de Braga que também é de Viana", recordou, contando que tomou a decisão de ser bombeiro aos 10 anos depois de ver um incêndio numa empresa de pesca.

Visivelmente satisfeito pela homenagem da Câmara e da Protecção Civil, António Cruz disse que os 40 anos de serviço que tem prestado foram com "toda a dedicação". "Mesmo estando de férias, ir trabalhar era a coisa mais natural do mundo. Foi uma opção de vida que fiz e, quando assim é, os horários são o que menos importa", afirmou o comandante, indicando que vai continuar nos Sapadores "pelo menos mais um ano e meio". "Sempre vivi um dia de cada vez. Cheguei a ter convites para sair e ir para outras estruturas e recusei, pelo menos duas vezes, porque esta casa é o meu mundo", concluiu.

"Meadela ganhou um novo símbolo de esperança"



Idalina Casal

O histórico e imponente edifício que esteve vários anos ao serviço do ensino primário na Meadela e está agora ao serviço público como sede da Junta ganhou uma nova vida após obras de requalificação que dotaram o imóvel de condições para receber pessoas com mobilidade reduzida. A empreitada incluiu também a concretização de um sonho antigo para o Grupo Folclórico das Lavradeiras da Meadela que passaram a ter uma sede renovada.

A inauguração das obras, orçadas em mais de 271 mil euros, fez parte da programação dos 762 anos da atribuição do foral Afonsino a Viana do Castelo.

Sem a realização da Feira Medieval pelas ruas de Viana, a comemoração da fundação da cidade estendeu-se até à Meadela para uma cerimónia onde foi patente o regozijo pelo conclusão da obra há muito ansiada pela freguesia.

O primeiro espaço a ser inaugurado foi a requalificação e ampliação da sede da Junta de Freguesia, seguindo-se depois o descerramento da placa da nova sede do Grupo das Lavradeiras da Meadela, onde no hall de entrada se destaca um mapa-mundi com os locais por onde o grupo já passou. O presidente da Câmara de Viana do Castelo, José Maria Costa, fez questão de analisar o mapa e assinalar a cidade de Xangai, na China, onde o grupo esteve em 2010.

A arquitecta do projeto, Diana Lage, explicou que a intervenção foi pensada para dar resposta às lacunas existentes para que as pessoas com mobilidade condicionada consigam um acesso rápido e direto ao edifício. "Acho que a principal vantagem conseguida foi o acesso direto das pessoas com pouca mobilidade à nova secretaria de atendimento da Junta de Freguesia. Em consequência, foram também criadas instalações sanitárias que não havia tanto para os funcionários como para as pessoas com mobilidade condicionada e foi instalada também uma plataforma elevatória que conseguiu com que todos os níveis do edifício ficassem acessíveis", explicou.

Em relação à intervenção do lado da sede do Grupo Folclórico, a arquitecta explicou que também foi criado um acesso a pessoas com mobilidade condicionada, em dois níveis do edifício na zona da recepção e bar e foram criados também balneários para responder às necessidades do grupo folclórico. "Foram criadas condições há muito necessárias, como um espaço museológico, uma sala de trajes, um salão de ensaios com medidas apropriadas e um espaço de convívio que garantirá muitas horas de alegria e diversão entre os elementos do Grupo das Lavradeiras da Meadela", acrescentou o grupo. "Pelo pouco espaço e terreno que se tinha, acho que se conseguiu corresponder a tudo o que era necessário", rematou a arquitecta.



"Edifício cheio de história e lembranças"

O presidente da Junta da União de Freguesias de Viana do Castelo (Monserate e Santa Maria Maior) e Meadela, José Ramos, recordou alguns factos históricos do edifício "cheio de história e lembranças de todos os meadelenses" e considerou que a conclusão da obra representa a concretização de um sonho. "A obra que visitamos custou 271.502,47 euros, tendo suportado a Junta de Freguesia 224.862,29 euros e o Grupo Folclórico das Lavadeiras da Meadela 46.640,18 euros, dotando o espaço que lhes está reservado de melhores condições para o

desenvolvimento da sua atividade. Estas novas instalações são um símbolo de esperança para os meadelenses", afirmou o autarca, agradecendo à Câmara Municipal com um apelo de "fazer um acerto dos compromissos assumidos por ambas as partes". "Temos o dever de continuar a caminhada e esta na Meadela segue na conjugação de esforços do Município e Junta de Freguesia dando cumprimento à deliberação da Assembleia de Freguesia, que é o regresso da feira ao seu local de origem", acrescentou José Ramos.



"Grupo Folclore das Lavradeiras da Meadela sai revigorado"



Bruno Martins, presidente do Grupo das Lavradeiras da Meadela, recordou a história do grupo e a necessidade que tinha de ter um espaço condigno para estar, ensaiar e receber pessoas. "Este grupo conta já com 86 anos de atividade. São 86 anos de vivências, muitos prémios, muitas recordações, muitos quilómetros muitos percorridos e, cada vez mais, crescia o desejo e necessidade de ter um espaço onde pudéssemos, de forma condigna, apresentar e expor esses 86 anos de história. O Grupo das Lavradeiras da Meadela tem elevado número de atividades anuais e, num ano dito normal, temos cerca de 40 a 50 atividades entre atuações, representações e deslocações ao estrangeiro, portanto, era premente a existência de um espaço que apresentasse as condições necessárias para os ensaios", reiterou. Por outro lado, acrescentou, "este edifício já apresentava sinais de passagem do tempo não só ao nível da estrutura como também pelos equipamentos que o compõem desde os armários às casas de banho que já não funcionavam" e tinha ainda um problema de humidade que se revelava preocupante por causa dos trajes do grupo. "A nossa batalha contra a humidade era constante e não nos podemos esquecer que temos aqui dentro trajes centenários, peças únicas que já não se fazem, os próprios instrumentos musicais, prémios e galardões, fotografias... tudo o que estava aqui sofria com a humidade e, por isso, era uma das questões de maior importância e um dos problemas que necessitava de resolução urgente", frisou Bruno Martins, sublinhando a satisfação por haver agora um espaço onde o grupo pode receber outros grupos folclóricos do país e mundo. "Quando chega o verão, eles regressam para Viana do Castelo, gostam de nos vir visitar, conviver e trocar experiências e quando recebemos amigos na nossa casa gostamos de os receber bem e, agora, podemos afirmar que vamos recebê-los com orgulho nesta nossa renovada casa",



assumiu, não esquecendo o pedido de apoio à autarquia para fazer frente às despesas que o grupo teve com as obras. "Quero deixar-vos a certeza que, com estas novas instalações, o Grupo Folclore das Lavradeiras da Meadela sai revigorado, com muito mais alento para levar o nome da Meadela e de Viana do Castelo por esse Portugal e por esse mundo fora", garantiu.

"Coisas modernas, mas não das modernices"

Coube ao pároco da Meadela, Monseñor Manuel Vilar, benzer as obras e deixou uma palavra de gratidão a todos os que colaboraram para concretizar a obra, elogiando o trabalho da arquitetura por ter privilegiado a modernidade. "Gostamos das coisas modernas, mas não das modernices porque há tantas coisas bonitas, mas que depois não dão para nada. Tem muitos feitos e coisas bonitas, mas depois não dão para coisa

nenhuma e muito pior ainda para quem tem de cuidar e limpar. Com espaço muito liso, isto torna-se mais agradável e mais funcional", afirmou.

"Juntas atentas à fragilidade social"

O presidente da Câmara de Viana do Castelo, que deu os primeiros passos na política enquanto eleito na Assembleia de Freguesia da Meadela, enquadrou a inauguração destas obras na programação do aniversário da atribuição do foral a Viana, reforçando a importância de quem trabalha no sector público, o que ficou patente durante a crise pandémica. "Quando tudo pára e quando temos uma pandemia, são de facto os funcionários públicos que estão na primeira linha de combate e que asseguraram as funções para que a sociedade continuasse a viver e a usufruir das infra-estruturas básicas, da água, do saneamento, da recolha de resíduos

sólidos, da limpeza e higiene, dos serviços de saúde e de segurança. No fundo, também é merecida uma palavra às Uniões e Juntas de Freguesia que foram aquelas que por fenómeno de capilaridade, estiveram atentas às situações de fragilidade e deram apoio social. Também temos de dar aqui uma palavra às instituições de solidariedade social e até muitas delas ligadas à Igreja como é o caso das Conferências Vicentinas que tem tido um papel excepcional", frisou o autarca, deixando algumas achegas: "É preciso também dizer que, neste tempo de pandemia, não ouvimos referências nem das entidades governamentais ou muitos outros, do papel das autarquias porque foram elas, em última análise, que estiveram presentes a dar resposta onde o Estado central não foi capaz."

Sobre os apelos do presidente da Junta e do presidente do Grupo das Lavradeiras, José Maria Costa, que passou também a assumir o pelouro da Cultura, disse que iria reunir com o vereador da Coesão Territorial para articular "o reforço" para a obra.

Foral Afonsino de Viana do Castelo: 762 aniversário da sua outorga

Rui M. Marinho Rodrigues Maia
Licenciado em História
Mestre em Património
e Turismo Cultural
pela Universidade do Minho

A 18 de junho completam-se 762 anos desde que Viana do Castelo recebeu o seu Foral, corria o longínquo ano de 1258. O documento é de tal ordem importante uma vez que funda o município - concelho, uma das mais antigas expressões do Direito em Portugal. O leitor porventura questiona-se acerca da essência de um Foral e, a essa questão, tentamos responder sucintamente: O Foral é na realidade um documento jurídico autêntico, outorgado por uma autoridade legítima, destinando-se a regular a vida coletiva de determinada povoação, esteja ela já estabelecida ou se encontre nesse processo, composta por homens livres ou que o Foral reveste dessa condição. Trata-se, portanto, de um ato pactual, entre a autoridade que concede o Foral e os que dele «usufruem». O Foral é no fundo uma Lei orgânica, uma vez que é firmado e testemunhado pelas partes envolvidas, estabelecendo os princípios funcionais de uma determinada povoação; um documento orientador e sistematizador de condutas sociais e institucionais; uma norma aceite pela população de um determinado aglomerado social; aplica-se a certos limites territoriais definidos; refere-se às normas pessoais - económicas - sociais - entre os elementos de determinada povoação, bem como entre estes e a autoridade que outorga o Foral. A guerra com Espanha e a consolidação das fronteiras, sobretudo na raia, eram grandes preocupações de D. Afonso III, que nesse período concedeu grande número de Forais, como foi o caso de Melgaço, outorgado na mesma data do de Viana do Castelo.

Os documentos legítimos / oficiais, eram naquela época elaborados na Chancelaria Régia, o Chanceler detinha a função de "Ministro do Despacho" e de expediente do Rei, superintendia na promulgação das Leis, Cartas de Privilégio, ou de Foral, bem como de outros documentos da Chancelaria do Rei. Considera-se possível que este tenha assumido a direção do expediente jurisdicional da Corte. O Chanceler era um homem da confiança do Rei, e seu representante junto do povo, e como tal, cabia-lhe a função de esmiuçar se o conteúdo das Cartas era conforme os interesses do Rei e do povo. Em caso de inconformidade, o Chanceler procedia à sua correção, submetendo os documentos à consideração do Rei ou do Tribunal, de onde provinham, para que estes emitissem novo despacho. Após a sua devida legalização, os documentos eram



selados, registados e entregues às partes interessadas. Além destes encargos, o Chanceler era vassalo e membro nato do Conselho do Rei. Ao longo do reinado de D. Afonso III foram criados os cargos de Vice-Chanceler e Chanceler da Rainha, de que foram titulares: Johannes Fernandi e Durandus Pelagii. A respeito de D. Afonso III, quinto Rei de Portugal, cognominado o "bolonhês", era segundo filho de D. Afonso II e de Urraca de Castela. Em 1227 partiu para França, tendo frequentado a Corte de Luís IX, facto que o beneficiou sobremaneira. Em 1238 casou com D. Matilde, Condessa de Bolonha, viúva de Filipe o Crespo. Em finais de 1245 ou princípios de 1246 chegou a Lisboa, com os títulos de "visitador - curador e defensor do reino". Em 1248 foi aclamado Rei de Portugal, após ter derrotado pelas armas o seu irmão D. Sancho II. O reinado de Afonso III pautou-se por grandes marcos da História de Portugal, como a conquista do Algarve, cujas discórdias com Castela quanto ao domínio algarvio apenas terminaram com o Tratado de Badajoz (1267) no qual ficou definido que o Guadiana, desde a confluência com o Caia até ao mar, constituiria a fronteira lusocastelhana. O monarca foi também um insigne administrador, tendo fundado e restaurado povoações - concedeu imensos Forais - Reuniu as Cortes em Leiria em 1254, tendo sido as primeiras em que participaram representantes dos concelhos - Em 1261 foi-lhe reconhecido o direito de cunhar moeda fraca, nas Cortes de Coimbra - Levou a cabo inquirições que vieram a revelar os abusos praticados pelas classes mais privilegiadas, acabando por promulgar legislação no sentido de reprimir esses atos, etc. A criação de municípios era uma forma de integrar e organizar o território, enraizando nas comunidades uma ideia de pertença, capaz de os impulsionar a defender os seus interesses e, por consequência, os do reino português. Há um

aspecto peculiar relativo à concessão de Forais em terras raianas, comparativamente com outras, estes revestem-se de uma carga fiscal mais leve imposta aos seus moradores, tendo por finalidade atrair e fixar mais pessoas, fortalecendo o poder defensivo. No caso de Viana do Castelo, terra de mar e de rio, e de muita cercania com a raia, não foi estabelecido qualquer imposto individual, tão somente um censo anual a pagar ao cofre régio, conferindo ao concelho o poder de arrecadar para si as receitas de coimas - portagens - rendas, ou outras formas de impostos, como a décima e portagens de mercadorias entradas por via marítima e do "navão" (imposto sobre o pescado), que apenas incidiam sobre os não moradores em Viana, destinando-se aos cofres régios. O município via-se assim mais determinado a apostar nas diversas atividades económicas, gerando riqueza e, consequentemente, desenvolvimento local. A «autonomia» em matéria fiscal e noutros campos da vida social e económica fomentavam o zelo por uma boa administração, quer da justiça, uma vez que as coimas aplicadas aos moradores revertiam a favor dos cofres do próprio concelho, quer noutros setores. Os moradores do concelho que concediam hospedagem a mercadores forasteiros fruíam uma boa percentagem das portagens cobradas, estimulando-os a serem zelosos pela sua cobrança. No caso de Viana do Castelo e do seu Foral, existe todo um conjunto de medidas que constam do mesmo, cuja finalidade é efetivamente promover o seu povoamento, tornando a vila atrativa e ao mesmo tempo coesa. O território do concelho é bastante amplo, abrangendo a sede do município - a vila - e freguesias periféricas, muitas delas pertenciam e pertencem a Viana do Castelo, como é o caso de Areosa ou Meadela. Viana possuía no século XIII um extenso termo, de tal modo que nele se englobam a quase totalidade da área do atual concelho, na margem direita do rio Lima. A vastidão do alfoz municipal (arredores) deu origem a um grupo de magistrados - os Alcaldes - estes colaboravam com o juiz (designação atribuída ao magistrado que presidia ao Conselho dos Alcaldes) e, juntamente com estes, ao governo do município na promoção dos interesses das populações. As cartas de Foral outorgadas aos municípios concedendo-lhes autonomia na condução dos seus destinos, estabelecendo normas fiscais, judiciais e penais específicas, fomentavam a dinamização da atividade económica. A sua jurisdição estendida a um vasto território gerava um forte sentido de responsabilidade, quer na administração da justiça, cobrança de impostos, defesa territo-

rial, etc. Nos casos mais a Norte, como na ribeira Minho, a outorga de Forais foi atrelada à necessidade imperiosa de fortificar essas terras, construindo fortalezas militares. No caso particular de Melgaço, em 1263 as suas muralhas estavam em parte concluídas, fator determinante do seu papel defensivo. Viana do Castelo, e outros concelhos, ainda que em momentos distintos, foram construindo as suas linhas defensivas, como é o caso do Forte de Santiago da Barra - o Forte da Lagarteira (Vila Praia de Âncora) - as Muralhas de Caminha - a Fortaleza de Valença - o complexo de Lapela - a Fortaleza de Monção, etc. O Homem sempre sentiu a necessidade de fazer do Mundo aquilo que o seu sonho mandava, construindo, destruindo, criando e desfazendo. "Vianna" da Foz do Lima, assim batizada pelo Rei Afonso III, era mais um destino da vontade do Homem, feito Rei com a proteção e legitimidade divina, que auspiciou criar um Reino à sua feição e dos seus. Aos povoadores, obreiros da sua vontade, o Rei transmitia-lhes algo do género: "(...) Meu pobrador e aos alcaldes e ao concelho de Vianna, saude e amor e mando vos que pobredes bem essa villa e fasades ahí chegar todos os vezinhos e aduzir seu paom, seu vinho a villa e correr todolos caminhos do couto pella villa". Atualmente, Viana do Castelo, cabeça de distrito, é uma cidade que continua a percorrer os caminhos da evolução, do progresso social e, às vezes, económico, até porque o Alto Minho, de forma geral, bem como outras regiões, viu e continua a ver muita da sua juventude abalar do país ao encontro de melhores perspectivas de vida. Sinal evidente de um longo trajeto que se iniciou há séculos e que ainda não consolidou todos os objetivos de forma definitiva, ao ponto de fixar definitivamente toda a sua população. Contudo, grassando a esperança num país que oscila entre a memória e o esquecimento, lembramos o Foral de Viana do Castelo, para que este sirva de baluarte aos obreiros do presente, e inspiração às gerações vindouras.

Foral, que geras esse concelho,
Vianna, que de Luzia eu vejo.
Estendido entre o rio e o mar,
os campos, montanha, meu lar.
Águas cintilantes do nosso Lima,
abraçam o futuro, por mar acima.
Levam gentes, sem querer abalar,
pranto de saudade, os faz chorar.
E um dia, no burgo emergente,
velhos regressam, à sua gente.
Vianna, terra última, lar eterno,
deixai-os viver, sem inferno.
Seu Foral, que veio por bem,
seja terra de todos, e de quem.
Ama Vianna...

De Adro a Vianna - Lugares

É pacífico e comumente aceite a ideia de que a mais antiga prova de assentamento humano, sedentário, no território hoje ocupado por Viana do Castelo terá sido a Citânia de Santa Luzia.

Com a pacificação do território, em período de ocupação romana, a necessidade de haver povoados fortificados, alcantilados no alto de montes esmorece e começam a surgir uma série de núcleos de povoamento rurais - as Vil-



Villa, onde o ribeiro de S. Vicente providenciaria a água necessária à irrigação dos campos.

No que diz respeito ao aspeto mais urbano da vida das comunidades, a escolha do lugar de assentamento deteve-se na zona mais próxima do rio, onde o manancial de Gontim providenciava água fresca, não sendo por isso de estranhar o aparecimento, durante as obras de abertura da Rua Arquitecto José Fernandes Martins (2015), de provas arqueológicas da ocupação deste espaço. Os vestígios de edificações, com os seus pavimentos e estruturas de combustão, associados a materiais arqueológicos coevos do referido período, trouxeram dados inéditos que permitiram localizar no espaço e tempo a área habitável e habitada nos alvares da Idade Média. Consequência desta intervenção e destas descobertas, uma recente intervenção no contexto de uma obra particular contígua àquela artéria pôs a descoberto a continuidade de alguns espaços domésticos e de um arruamento orientado no sentido Sul-Norte.

O espaço habitado de Adro começa a ser conhecido com maior pormenor a



lae - que serão o motor de arranque de uma nova organização do território. Será neste contexto que será implantada a Villa de Adro, ou Atrio, cujo centro seria em redor da zona onde está localizada a Igreja das Almas.

No período tardo romano e durante a Alta Idade Média será este o centro da vida e da atividade económica das comunidades que aí residiram. Com o rio aos seus pés, não será inverosímil pintarmos um quadro no qual as gentes viveram voltadas para as atividades marítimo-fluviais, com a pesca, a salicultura e o comércio marítimo a serem centrais, a par com o aproveitamento agrícola dos terrenos férteis da planície que existia, principalmente a Este da

partir destas intervenções e o "espaço" económico vai estando caracterizado, restando referir o centro da vida social e religiosa. Principalmente com a organização paroquial Sueva, na Villa de Adro foi implantada uma das principais paróquias da região - a paróquia de S. Salvador. Com carácter cemiterial, em complemento da Igreja Mater de Santa Maria de Ovinia e da paróquia Batismal de S. João (possivelmente de Arga), a Igreja de S. Salvador de Adro (Igreja das Almas) apresenta-se como o mais antigo templo vianense, com uma sucessão de ocupações, reformulações e acrescentos que foi possível caracterizar com as intervenções arqueológicas ali ocorridas, durante as obras realizadas entre



os anos de 2006 e 2008. Ali, para além dos sucessivos níveis de enterramento cujos mais antigos remontam ao período da Alta Idade Média, foi possível aferir as sucessivas alterações do espaço, desde período suevo visigótico, passando pela estrutura de um templo pré-românico, pelos vestígios da igreja românica e finalmente pela edificação de época barroca.

Terá sido esta pequena "póvoa" de gentes dedicadas aos labores do campo, do rio e do mar, que em 1258 D. Afonso III encontrou. Terá sido ali que a Carta de Foro terá sido gizada. E foram as gentes de Adro e dos arrabaldes que construíram a novo burgo projetado pelo monarca, a partir dos modelos das Bastides francesas, que ele tão bem conhecia.

Inicia-se então a construção da malha urbana do Casco Medieval de feição ortogonal - quarteirões de tendência geométrica, paralelos entre si, definindo ruas de sentido Este/Oeste e deixando livre mais de metade do espaço intramuros: em redor da torre de menagem; áreas a Norte e a Sul pressupondo uma feira medieval e equipamentos coletivos - inspirada nos modelos europeus das povoadas marítimas militarizadas. As muralhas foram concluídas um século mais tarde, em 1374, no reinado de D. Fernando, sendo por isso chamadas de "Muralhas Fernandinas". A muralha tinha cerca de 10m de altura, 2,20m de espessura e estava defendida por torres com cerca de 15m. Fragmentos dos panos de muralha, podem ainda hoje ser apreciados nalguns espaços públicos e privados, destacando-se o Hospital Velho.

Dento do núcleo urbano muralhado, alguns arruamentos e espaços públicos merecem menção, pela sua importância na vida da comunidade residente. Para além do aspeto religioso marcado pela "Matriz Nova" (Sé), destacamos a rua do Poço, por ali se localizar a cisterna do burgo, que foi aterrada já no decorrer da segunda metade do século XX.



RUA DE VIANA

A ideia que há de que a Rua de Viana seria a nossa Rua mais antiga é uma ideia que não corresponde à realidade. No que ao Casco medieval diz respeito, por ter sido uma obra planeada e construída ex novo, isto é, num lugar onde não existia nada, todos os arruamentos são todos contemporâneos - se quisermos um paralelo com a atualidade e pensarmos num loteamento, os arruamentos são implantados simultaneamente, aparecendo os quarteirões e os lotes por eles definidos para depois aparecerem os edifícios.

De qualquer das formas, acreditando que Carlos Alberto Ferreira de Almeida diz, a rua do Cais (mais tarde chamada Rua de Viana), inicialmente, ficava fora de muros o que significa que todas as outras seriam mais antigas que ela. Só com o acrescento da muralha em período Fernandino é que aquele espaço passa a ser integrado no circuito muralhado.

A odeia, ou conceção da antiguidade do lugar de Viana é difundido por Carneiro Fernandes (in Viana Monumental e Artística). Mas aí refere a existência de um Lugar e não da Rua, por acreditar que se o Monarca "De Novo Impõe o Nome de Viana" é porque este existiria e provavelmente se localizava no espaço onde o burgo foi implantado.

A cerca urbana de

Inicia-se então a construção da malha urbana de feição ortogonal – quarteirões de tendência geométrica, paralelos entre si, definindo ruas de sentido Este/Oeste e deixando livre mais de metade do espaço intramuros: em redor da torre de menagem; áreas a Norte e a Sul pressupondo uma feira medieval e equipamentos coletivos – inspirada nos modelos europeus das povoações marítimas militarizadas (Reis, 1994). Em 1263, ter-se-á iniciado a construção da muralha, inserindo-se no plano régio de fortificação das fronteiras com Espanha, e de provavelmente uma fortificação afonsina no local onde atualmente está a Roqueta

te na interceção dos eixos E-W com a rua do Hospital Velho. Toponimicamente, o autor acredita que a rua do Cais se encontrava fora de muros numa primeira fase, sendo incluída no circuito muralhado apenas no reinado de D. Fernando. Para além desse aspeto refere a existência da Viela Cega (sem saída). No que ao traçado diz respeito ainda hoje é possível perceber que de facto a poente da rua do Hospital Velho não há uma correspondência exata do traçado urbano sendo os quarteirões e os arruamentos desalinados, ou sem continuidade em relação à restante malha.

A muralha tinha cerca de 10m de



configuração que veio a definir o urbanismo do casco medieval vianense.

Em 1400, vindo substituir a "Matriz Velha" que se situava fora de muros (a Igreja de S. Salvador do Adro ou Igreja das Almas), edifica-se a "Matriz Nova" tendo sido construída na laje mais elevada da vila, onde a torre de Menagem estava implantada tendo para isso sido demolida (Fernandes, 1990).

A forma de contato com o exterior fazia-se naturalmente através das 4 portas existentes: a Norte a porta de S. Tiago, a Sul a do Postigo, a Oeste a da Ribeira e a Este a porta de S. Pedro. As portas eram ligadas pelas principais ruas que assim constituíam dois eixos principais do urbanismo medieval de Viana do Castelo. Já em finais do século XVI, foi aberta uma outra porta: a porta de S. Brás, que posteriormente se viria a chamar da Vitória, devido à capela, entretanto aí construída.

Se durante a Idade Média era proibi-

do construir junto às muralhas (Reis, 1994), esta proibição é levantada por alvará de D. Manuel I. Além desta medida, estes alvarás transferem para fora de muros a feira e os paços do concelho (Idem), o casario começa a invadir a barbacã e em 1501 e 1502, este monarca autoriza a demolição das estruturas militares que já não tinham valor defensivo (Abreu, 1985).

Também neste sentido vai o acórdão da Câmara, datado de 1531, que autoriza «(...) se tapem as janelas abertas sobre o muro e, da porta das Atafonas até à Torre do Cais, e sejam vendidos os chãos a quem mais der» (Idem).

A Nobreza começa a instalar-se na Vila de Viana como consequência dos Descobrimientos, enriquecendo progressivamente. Viana afirma-se um dos portos e centros comerciais mais importantes do país até ao 3.º quartel do séc. XVII.

A 1 de Junho de 1512, o monarca



Manuelina (Fernandes, 1999). As muralhas foram concluídas um século mais tarde, em 1374, no reinado de D. Fernando, sendo por isso chamadas de "Muralhas Fernandinas".

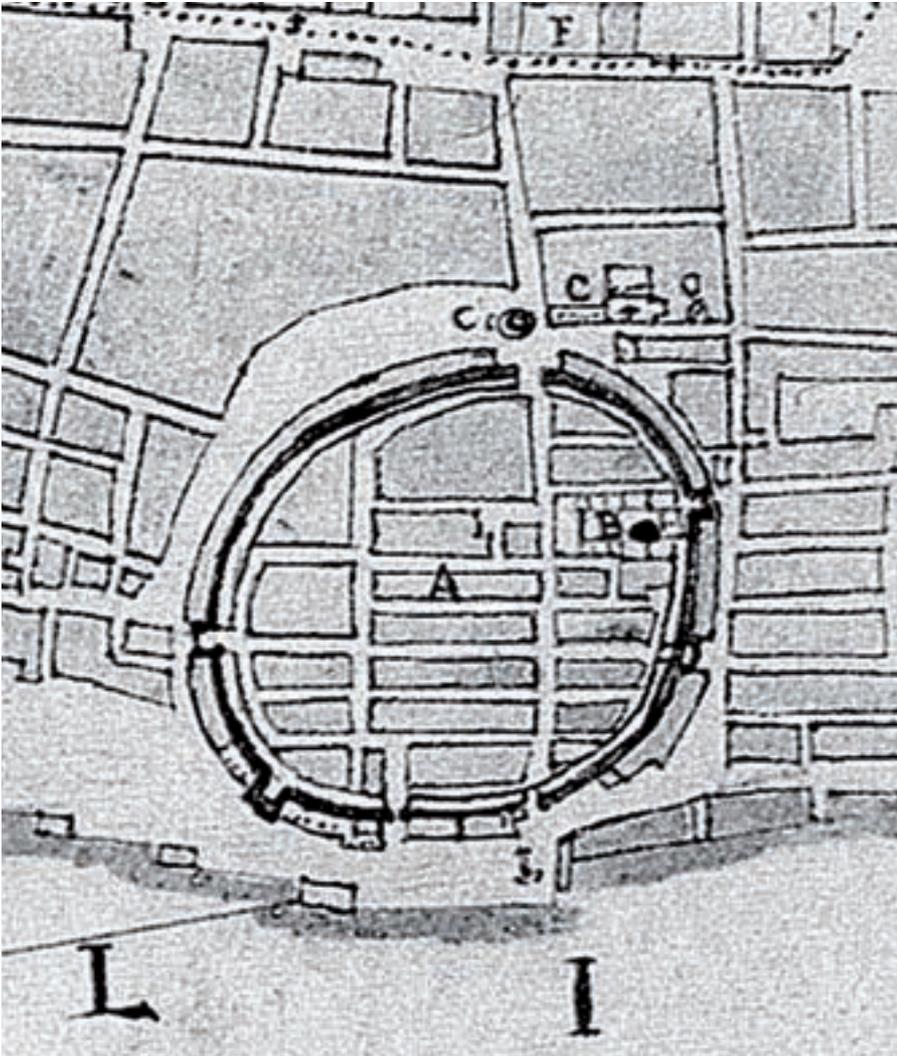
A existência de uma muralha Afonsina não é um assunto pacífico. Aliás tal ideia é vinculada pela historiografia tendo como premissa a data de 1263 para o início da sua construção. Não há, contudo, qualquer prova documental nem arqueológica da existência de tal estrutura. Carlos Alberto Ferreira da Almeida (1987), veicula esta ideia com base na toponímia e na irregularidade do traçado urbano presen-

altura, 2,20m de espessura e estava defendida por 5 torres com cerca de 15m. As obras foram custeadas por finta. Segundo a tradição, os moradores viram-se obrigados a levantá-la, mas em 1491 o senado pediu e obteve do rei a concessão de terça, obrigando-se a câmara a fazer os reparos nos muros da vila (desconhecido, 1891).

A muralha primitiva (afonsina), a existir, seria ineficaz: ou por estar inacabada ou por o circuito amuralhado, embora completo, não envolver todo o aglomerado medieval (deixando de fora a Rua do Cais) facto conduziu à reformulação da cerca, dando-lhe a



Viana do Castelo



concede Foral Novo, promove a construção naval e, para defender Viana das incursões corsárias, desloca o sistema defensivo da Vila para a entrada do rio mandando construir a "Torre da Roqueta".

Por esta altura as construções externas à muralha começam a tornar-se habituais. Formam-se a Rua da Bandeira, da Carreira, da Picota, de S. Sebastião e de Sant'Ana, onde são construídas boas casas senhoriais.

Exterior e contíguo às muralhas forma-se o Campo do Forno. Praça que se afirma como polo cívico e espaço catalisador de mercado e de administração municipal após a instalação dos Paços do Concelho, Chafariz, Palacete dos Sotto Mayor e a Misericórdia, que acrescentou à praça a função assistencial (Carvalho, 2006). No séc. XVII a malha urbana está difundida através dos eixos que se entrecruzam na "Praça" e correm paralelos ao rio. O tecido urbano inclui o núcleo medieval urbanizado.

Mais tarde, com o triunfo da piroballística, D. Sebastião amplia o fortim e D. Filipe transforma-o em fortaleza (Fernandes, 1990), sendo abaluartada já na segunda metade do séc. XVII para defesa da costa. Favorece o comércio marítimo e fluvial, a acumulação de riqueza e consequente urbanização intra e extramuros. Em 1793 é assinado o Despacho que autoriza a demoli-

ção das muralhas da vila, para aproveitar a sua pedra na construção do cais, calcetar as ruas ou outras obras, visto já não serem necessárias à defesa da povoação.

A 20 de Janeiro de 1848, por Decreto de D. Maria II, Viana eleva-se de Vila de Viana do Minho à categoria de Cidade, adotando o nome de Viana do Castelo.

Porta da Vitória

A última porta, rasgada no pano de muralha, foi a Porta de S. Brás. Datada de finais do século XV, constitui-se como uma entrada secundária, no burgo, tendo sido construída para facilitar o acesso de produtos do Cais da Alfândega e da aduana (Almeida, 2009 p.83) cuja criação remonta a 1402 por resolução Joanina. "Para superintendência do movimento marítimo, carga e descarga, bem como cobrança de direitos, foi levantado um edifício com os seus "armazéns, currais, cabanas e repartições fiscais" e no qual servia um juiz, almoxarife, alguns escrivães, guardas e outro pessoal auxiliar. Localizava-se no topo poente da Praça do Cais. Do "Cais da Alfândega" (...)" (Barros, 2006 p. 139). A vocação original de S. Brás provém da torre que, com o mesmo nome, existia nas imediações.

Em 1606 foi construída uma pequena capela, junto à porta dedicada a



Nossa Sr.ª da Vitória. Ao templo acedia-se a partir de um minúsculo adro voltado para nascente, fronteiro à porta de S. Brás que a partir de então se passa a chamar da Vitória. Sobre a Capela poucas referências existem, sabendo-se apenas que foi demolida em 1916, sob pretexto de desfear a frente ribeirinha. Aquando da sua demolição o retábulo barroco que então possuía foi transferido para o Museu Municipal onde esteve até 1974, ano em que foi cedido à igreja da Meadela para substituição do seu retábulo que foi destruído por um incêndio. Em substituição do edifício da Capela construíram-se as estrebarias pertencentes à G.N.R. (Fernandes, 1981).

A jusante do Cais da Alfândega, existiu o cais da Vitória sobre o qual se implantava a Praça do Peixe, sob arcos que se construíram adossados à muralha no alinhamento da Torre de S. Brás. Os arcos prolongavam-se, aliás, para a frente da porta e da capela, ali-

nhando com a Alfândega, conforme a representação de 1840 (figura 7). Os arcos da Vitoria seriam demolidos em 1844 (Abreu, 1985).

"Muralha ou muralhas?" (imagem 1)

Irregularidade do Traçado das ruas e dos quarteirões. (imagem 2)

Pormenor da Representação de Viana: Atlas do Rei Planeta, Pedro Teixeira 1634. (imagem 3)

Planta da Villa da Vianna e sua barra e Castello de Manuel Pinto Vilalobos, séc. XVIII (Pormenor) (imagem 4)

"Hum Dia de Feira". Aguarela de autor anónimo- Museu de Artes Decorativas de Viana do Castelo. (imagem 5)

Perspetiva atual do edifício da Alfândega e das antigas estrebarias da G.N.R.. (imagem 6)



Ponte Eiffel de Viana do Castelo:

Rui M. Marinho Rodrigues Maia
Licenciado em História
Mestre em Património
e Turismo Cultural
pela Universidade do Minho

A 30 de junho comemora-se mais um aniversário da Ponte Eiffel de Viana do Castelo, são 142 anos que essa magnífica obra de Arte do século XIX cumpre ao serviço do progresso da região e do país. A ponte metálica sobre o rio Lima em Viana do Castelo transformou-se num ex-libris da cidade, num verdadeiro marco da sua arquitetura e, sobretudo, como elemento de identidade da marca "Viana do Castelo", seja para fins turísticos ou outros. A vista da cidade, lá bem no cimo do Monte de Santa Luzia, ou junto da Capela de São Lourenço, em Darque, não seria a mesma sem a velha ponte.

A obra de Arte é constituída por dois tabuleiros sobrepostos, um destinado à rodovia e o outro ao Caminho de Ferro. O projeto da obra deve-se a um dos mais famosos e ilustres engenheiros franceses: Alexandre Gustave Eiffel - O Homem da Torre Eiffel de Paris. O projeto da ponte foi aprovado na sua forma última por Portaria de agosto de 1876, tendo os trabalhos de construção iniciado em março de 1877, tendo a obra ficado concluída em maio de 1878, quando passou pela primeira vez uma máquina pela ponte. Todavia, a sua inauguração oficial ocorreu a 30 de junho de 1878, com a presença do então Ministro das Obras Públicas, Comércio e Indústria, António Maria de Fontes Pereira de Melo. Em 1839 a Rainha D. Maria II ordenou por Decreto de 17 de maio a substituição da obsoleta ponte de madeira que servia a cidade, e a outra margem, em Darque, por uma ponte feita de pedra. Contudo, essa ideia foi por água abaixo, dando lugar a um plano de uma ponte ferroviária. A cidade de Viana do Castelo precisava efetivamente de uma nova travessia, mais segura e duradoura, mais vantajosa até para a navegação fluvial (cabotagem), o que a ponte de madeira não oferecia, mercê da sua fragilidade e elevados custos de reabilitação, de cada vez que era fustigada pelas intempéries. A Ponte Eiffel mede 563m de comprimento e 6 de largura, na sua construção foram empregues 2 062 436 kg de ferro, custando naquele tempo 342 contos, sem contar o custo dos dois viadutos que lhe dão acesso - com mais de oitenta metros cada. A 21 de fevereiro de 1876, em Sessão Extraordinária, a Câmara Municipal, tendo por objetivo minimizar o impacto ambiental que a nova ponte iria causar, solicitou ao Governo de sua Majestade que fosse projetada uma ponte com dois tabu-

leiros paralelos ao mesmo nível do cais, ideia essa que não foi avante, tendo ficado como na atualidade, com dois tabuleiros sobrepostos. A construção do edifício da Estação de Caminhos de Ferro de Viana do Castelo foi posterior à inauguração da Ponte Eiffel. O edifício da Estação de Caminhos de Ferro foi projetado pelo Eng.º Alfredo Soares. O edifício era composto por uma frente com setenta metros, constituído por um corpo central e por um andar nobre, bem como por duas alas que finalizavam em pavilhões com sobrelojas, pelo que o acesso ao edifício era realizado através de uma escadaria frontal que foi demolida posteriormente. Todavia, conserva-se a obra dos alçados em cantaria, do mais fino granito da região e, também, a Coroa Real no cimo do seu alçado principal. O largo da Estação representa atualmente um dos pontos de interesse da cidade, tendo como atrativo o monumento ao folclore vianense, exibindo uma parelha de bailarinos a dançar, envergando o Traje à Vianesa. O monumento é da autoria do escultor Jaime Azinheira, cuja inauguração sucedeu a 18 de junho do ano 2000. A construção da Ponte Eiffel e do Caminho de Ferro originaram alterações estruturais na cidade, bem como mudanças do ponto de vista social e económico, de maneira a acompanhar as reformas que sucediam em Portugal na segunda metade do século XIX. A nova onda regeneradora impunha a execução de grandes modificações urbanísticas, tais como a demolição de edifícios, expropriação de terrenos de cultivo e de prédios, para se levar por diante a construção do Caminho de Ferro. Essas novas emergências tiveram por consequência o alargamento e alinhamento de ruas de acesso à Estação. Os edifícios objeto de demolição face ao novo imperativo, foram: O Convento de São Teotónio dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho (Convento dos Crúzios), bem como a Padaria Militar, para a construção da Estação dos Caminhos de Ferro e da linha férrea - Parte do Adro da Igreja do Convento do Carmo e um edifício contíguo - O Matadouro Municipal e a Fonte do Gontim, entretanto removida e que se situava no fundo da atual Rua do Gontim com a Praça D. Afonso III, para a passagem da linha férrea - Parte de edifícios anexos ao Convento de Santa Ana (atual Congregação de Nossa Senhora da Caridade e Igreja da Caridade) - Foram demolidas casas na Rua da Bandeira, na Rua da Portela (atual Portela de Baixo); no Largo do Penedo (Rua do Penedo) e na Rua de Santa Luzia (atual Largo 9 de Abril) - A Escola Conde Ferreira, que se situava no Largo de Santo António, que permitiu a abertura da atual Rua Dr. Tiago de Almeida, para facilitar o acesso à Estação dos habitantes da

zona da Abelheira - A Capela de São José, na Rua de São José junto ao edifício do assento (antigo Quartel dos Bombeiros Municipais), que permitiu o alargamento desta rua e facilitou o acesso para a Estação dos Caminhos de Ferro. No que às ruas diz respeito, sejam elas novas ruas ou simplesmente ruas alvo de alargamento, referimos o seguinte: Rua de Santa Ana (atual Passeio das Mordomas da Romaria) foi alargada entre 1876 e 1878 - Rua Nova da Cruz das Barras (atual Rua Dr. Tiago de Almeida - Alargamento da Rua dos Crúzios e da Carreira (atual Avenida Conde da Carreira) - Alargamento e rebaixamento da Rua da Amargura (atual Rua Emídio Navarro) - Abertura da Rua Nova do Carmo (atual Rua José Espregueira) - Abertura da atual Rua do Carmo - Alargamento da Rua de São José. O grande momento de transformação urbanística ocorreu entre 1917 e 1922, com a construção da Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, permitindo a ligação entre a Estação de Comboios e o Porto de Mar da cidade. As alterações operadas na cidade de Viana do Castelo, como a edificação da Ponte Eiffel, do Caminho de Ferro e da sua Estação, foram empreendimentos que visavam acompanhar o fôlego de novos tempos, de um país muito atraso em vias de comunicação, e que se preparava para acompanhar, ou, pelo menos tentar, os outros países mais desenvolvidos da Europa, como a França, a Alemanha, etc. A Ponte Eiffel é uma estrutura com dois tabuleiros sobrepostos, sendo o inferior destinado à ferrovia e o superior à rodovia. É composta por dez tramos contínuos com um comprimento total de 562,44 metros, sustentando-se em pilares de alvenaria. Os tramos intermédios da ponte tem 58,44 metros e os seus extremos 46,98 metros. As vigas mais importantes tem 7,50 metros de altura e estão afastadas umas das outras numa distância compreendida entre os 5,20 metros. As vigas são de rótula múltipla, com diagonais cruzadas a 25°, formando painéis com 2,70 metros (aproximadamente). Os viadutos de acesso do lado da cidade de Viana do Castelo são similares, sendo compostos por vigas metálicas contínuas, sustidas transversalmente em pórticos múltiplos, de oito tramos com 10 metros cada, suportados em todos os apoios por duas colunas cilíndricas embelezadas - também metálicas - dotadas de embasamento postiço em ferro fundido. O conjunto, de aspeto cuidado, integra os arranjos urbanísticos da época, estando as estruturas na margem direita firmadas sobre os jardins e marginais da cidade. Em cada uma das margens o trânsito rodoviário faz-se separado do trânsito ferroviário, quer um quer outro, são conduzidos para a ponte a partir dos tabulei-

ros que lhes estão destinados. O viaduto para o trânsito rodoviário é em rampa, e ao nível do tabuleiro superior da Ponte Eiffel, sobrepondo-se ao do Caminho de Ferro. Assim, deste modo, o trânsito que se faz em ambas as margens, e que é paralelo, passa a ser dentro da ponte, sobreposto, de forma segura e independente. Na outra margem do rio Lima, em Darque, o acesso ao tabuleiro inferior (ferroviário) é realizado através de um extenso aterro, e o acesso rodoviário por um aterro mais curto, e mais próximo da ponte, através de um viaduto metálico, com nove tramos de 10 metros cada, num total de 91,50 metros de comprimento. Na época em que a Ponte Eiffel foi construída o material que se empregava era o ferro puddado - designado em inglês por - Wrought Iron - e em francês por - Fer-Puddled - sendo um material de transição entre o ferro e o aço da atualidade, socorrendo-se da cravação de rebites para formar perfis compostos e junções. No que toca aos pilares dos viadutos de acesso da margem Norte e Sul, foram construídos de ferro fundido. Esta estrutura, atendendo à sua envergadura e importância histórica, tem ao longo dos tempos sofrido intervenções que lhe permitiram manter a sua funcionalidade e segurança, indo de encontro às necessidades de exploração, quer no que respeita às cargas rolantes, quer no que respeita à velocidade de circulação.

A Ponte Eiffel de Viana do Castelo, com os seus 563 metros de comprimento, constituiu à data, um recorde mundial de ponte empurrada - significa que o método de construção de tabuleiros de pontes desta natureza requer a execução de um estaleiro no encontro e no empurre do tabuleiro, de acordo com o eixo da ponte para a posição final. O método de construção, tão peculiar, começou a ser praticado no termo do século XIX e arranque do século XX, em particular, em pontes metálicas. As pontes - empurradas - como a Ponte Eiffel de Viana do Castelo, necessitam de ter um traçado em planta em linha reta, ou um traçado circular. Traçados divergentes destes impedem a construção recorrendo ao método do "empurre". Na época, foi construído um estaleiro tendo uma plataforma de 200 metros de extensão na margem do lado da cidade, no qual foram montadas partes do tabuleiro que seriam unidas umas às outras por rebites. Após a união e montagem de cada parte, o tabuleiro foi impulsionado com a ajuda de um sistema de roletes, exclusivo do construtor. Este método foi essencial para a colocação do tabuleiro, permitindo de forma progressiva a sua colocação. A respeito do material empregue em maior número na Ponte Eiffel - o aço - este caracteriza-se por resistir

142 anos ao serviço do progresso

bem às forças de compressão (carga) e tração. O tabuleiro superior da Ponte Eiffel era composto (antes das obras de reabilitação e alargamento) por uma laje de betão armado com cerca de 0,15m de espessura, assente sobre uma chapa copada que serviu de cofragem perdida; estava apoiada numa malha de carlingas distanciadas entre si, grosso modo, 3,84m e quatro longarinas secundárias que suportavam o pavimento da via (dimensionado para o atravessamento de carroças). As carlingas sobre os pilares são desiguais, sendo constituídas por elementos combinados de chapas e cantoneiras, a junção é obtida através de rebites. O tabuleiro era acompanhado por passeios metálicos, que continham um guarda-corpos lateral com 1,00m de altura. O tabuleiro inferior é composto por uma grelha de carlingas, coincidentes com a projeção vertical das do tabuleiro superior, e duas longarinas ferroviárias em conformidade com o alinhamento dos carris. No que respeita à via férrea, esta é sustentada em travessas ordinárias, sustentadas nas supracitadas duas longarinas colocadas debaixo dos carris. Estas longarinas amarram-se aos elementos da ponte por cantoneiras e são apegadas entre si através de placas de ligação que formam a continuidade do mesmo alinhamento de longarinas, realizando para cada uma delas um autentico encastramento. As carlingas, bem como as longarinas, contêm uma secção transversal em "I", obtida com chapa e cantoneiras, solidarizadas por rebites. Entre cada par de carlingas estão dois níveis de contraventamentos. A um nível superior, e entre as longarinas ferroviárias, surgem barras em forma de "X" - Cruzes de Santo André - compostas por barras em cantoneira de 80x80x9mm, dispostas em dois pares de barras, que se opõem a qualquer deformação no sentido horizontal. O segundo nível de contraventamento dispõe-se em forma de "V" entre as cordas inferiores. No que diz respeito aos montantes, e junto aos mesmos, ao nível do contraventamento superior do tabuleiro ferroviário, estão dispostas barras que se constituem por duas cantoneiras rebitadas que dão forma a uma secção em "T" - conduzidas da longarina ferroviária para as secções de apoio das cordas inferiores, materializando o contraventamento de frenagem. A forma como todos os elementos estruturais da ponte são fixos uns aos outros é realizada através de rebites (unindo-os), o mesmo tipo de ligação que é feito para as secções compostas. A ponte é constituída por dez tramos, dois são de 47,00m e oito de 58,50m, está apoiada em onze pilares de alvenaria de granito aparelhado. Os dois dos extremos (pilares-encontro), servem também de apoio aos

viadutos de acesso de ambas as margens. Os pilares, e o pilar-encontro da margem esquerda são alicerçados em caixotões - o pilar-encontro da margem direita, cujo alicerce encontra rocha a pouca profundidade, é alicerçado pelo processo primário, ou seja, significa que a escavação é realizada a céu aberto, executando-se desta forma os trabalhos. Os alicerces, são materializados por um maciço de betão, que apoia o encontro sempre que não é possível que a alvenaria assente diretamente sobre a rocha. A fundação dos pilares é garantida sempre que a maré se encontra no seu ponto mais baixo, esta é realizada recorrendo a caixotões metálicos que são preenchidos por alvenaria hidráulica. Os alicerces mais profundos, situam-se na zona central do rio Lima, mais próximo da margem direita, chegando ao substrato granítico, quer isto dizer que chegaram aos níveis mais elevados das formações graníticas. Os restantes pilares, foram alicerçados em zonas onde as areias eram mais densas, isto na margem do lado esquerdo. A profundidade maior da fundação corresponde a 22m abaixo do zero hidrográfico - correspondendo a profundidade mínima a 7m. No que respeita aos caixotões, estes foram baixados até as cotas das formações geológicas mais resistentes, essas cotas foram previamente estimadas a partir de sondagens realizadas na vertical dos pilares. Os caixotões tem uma secção horizontal semelhante à dos pilares, ou seja, um retângulo e nas suas extremidades um semicírculo - tendo um comprimento total de 8,50m e 3,30m de largura. Os caixotões metálicos de apoio dos pilares foram realizados e afundados até a profundidade desejada, pelo processo que é comumente designado por "Havage" - com a ajuda de ar comprimido a partir de banquetas de trabalho apoiadas no leito do rio Lima, existentes na época da construção da ponte e, situadas, grosso modo, à cota da maré mínima, ou seja, próximo do zero hidrográfico.

O recurso a este método construtivo permite realizar as escavações a seco, mesmo que o trabalho seja realizado abaixo do nível da água do rio. É a partir de câmaras de ar que se faz o acesso dos trabalhadores, bem como do equipamento e, também, é a partir delas que é removido o solo escavado. Esta técnica construtiva caracteriza-se pelas más condições de trabalho, o que pode originar problemas de saúde a quem executa os trabalhos. Os trabalhadores tem que seguir um regime de trabalho duro no que toca à gestão do tempo, estando sujeitos a descompressão no momento em que saem dessas câmaras de ar. A todas estas dificuldades acresce o elevado custo da mão de obra neste método construtivo, razão pela qual nos dias de hoje outras

soluções são adotadas em prejuízo desta na construção de fundações para pontes. O caixotão do encontro que se localiza na margem esquerda é composto pelos mesmos elementos que os caixotões dos pilares, apenas a sua forma muda. Tem a forma de um retângulo com 7,50m de comprimento por 4,00m de largura, com os ângulos arredondados. A elevação da câmara de trabalho foi de 2,17m contados desde a aresta inferior até ao teto. A pedra talhada é o elemento que reveste a parte superior dos pilares de alvenaria, o seu enchimento, foi executado com pedra bruta de um tamanho intermédio. Cada encontro sustenta dois muros perpendiculares, entre os quais se fazem as junções entre os viadutos e a ponte propriamente dita. Os vértices desses muros, bem como o seu coroamento, são em pedra talhada e os paramentos em pedras de tamanho intermédio, também talhadas. Os apoios nos pilares e nos encontros são efetuados por aparelhos de apoio executados com elementos em "fonte" - liga de ferro e carbono - obtida em altoforno por tratamento de minerais de ferro, colocados nos eixos dos pilares, permitindo a rotação do apoio em volta do eixo horizontal. Estes apoios evitam que sob o efeito de uma carga dispar em dois tramos vizinhos a reação do apoio deixe de passar pelo eixo do montante reforçado. Previne também carregar desequilibradamente os rolos dos apoios móveis, sob o efeito de uma carga dessa particularidade. Inicialmente, nos apoios móveis uma série de rolos intercalados entre o elemento inferior e a placa de apoio propriamente dita, consentia o livre deslocamento segundo o eixo longitudinal da ponte, causado por exemplo, pelas ações térmicas da estrutura. Relativamente aos viadutos metálicos, que dão acesso ao tabuleiro superior da ponte, reiterando alguns aspetos já mencionados, referimos que o viaduto Norte se desenvolve com perfil em rampa, sobre uma diretriz em linha quebrada, com um comprimento total de 82,00m. É constituído por um tabuleiro metálico em viga contínua com oito tramos, composto por vigas principais de alma rota, de rótula múltipla. A estrutura do viaduto é formada por vãos múltiplos, sendo o maior vão de 10,05m. O seu tabuleiro era composto (antes das obras de reabilitação) de carlingas e longarinas onde apoiavam chapas metálicas de suporte ao pavimento rodoviário. Os tramos apoiam em pilares metálicos cilíndricos, e encontros de cantaria de granito, sendo os aparelhos de apoio metálicos, de balanceiros. Quanto ao viaduto do lado Sul, progride com perfil em rampa, igualmente sobre uma diretriz em linha quebrada, tendo um comprimento total de 92,00m, apenas 10m de diferença em relação ao viadu-

to do lado Norte. É constituído por um tabuleiro metálico, em viga contínua com nove tramos, composto por vigas principais igualmente de alma rota e de rótula múltipla. A estrutura do viaduto é formada por vãos múltiplos, tendo o maior vão 10,05m, tal como o viaduto Norte. O seu tabuleiro era igualmente composto (antes das obras de reabilitação) por carlingas e longarinas onde apoiavam chapas metálicas de suporte ao pavimento rodoviário. Os tramos apoiam igualmente em pilares metálicos cilíndricos e encontros de cantaria de granito, os aparelhos de apoio são igualmente metálicos e de balanceiros. Estes são no fundo os aspetos mais técnicos que caracterizam a Ponte Eiffel de Viana do Castelo e que nos parecem pertinentes para a compreensão da construção desta Obra de Arte. A Ponte Eiffel de Viana do Castelo é um elemento fundamental que marca um período muito importante, não só da história da cidade e do país, mas sobretudo da Europa - constitui-se como um elemento de valor acrescentado, no âmbito das Rotas do Património Industrial.

A autarquia de Viana do Castelo, na pessoa do seu presidente, José Maria Costa, anunciava em 2018, aquando das comemorações dos 140 anos da infraestrutura, e na presença dos dois tetranetos de Gustave Eiffel, presentes na cerimónia, a convite da edilidade, que a autarquia iria inaugurar até ao final de 2019 o Centro de interpretação da Obra de Gustave Eiffel em Viana do Castelo. Até ao momento, tem-se perdido uma oportunidade de potenciar a Ponte Eiffel e a própria cidade dentro de um nicho de mercado turístico - dedicado ao Património Cultural - Industrial - como é o caso da European Route of Industrial Heritage - ERIH - com forte capacidade de desenvolver a economia local, através de turistas que se perfilam com potencial de investimento - classe média, média alta. Em 2018 tínhamos referido que esse projeto de aproveitamento do legado de Eiffel em Viana do Castelo podia alavancar um projeto maior, no âmbito do Turismo do Porto e Norte, uma vez que a cidade do Porto possui duas Obras de Arte da época, da mesma natureza, bem como em Caminha, com a Ponte Fives-Lille e, mais a cima, a Ponte Internacional Valença - Tui. É com enorme regozijo que muitas vezes nos deleitamos ao apreciar essa belíssima Obra de Arte, símbolo da Revolução Industrial, em que o ferro marcou um tempo. Lamentamos episódios como o que sucedeu com a Ponte Eiffel do rio Âncora, votada ao desprezo nas mãos do abandono, pelas nossas instituições que tantas vezes não se entendem, embora pareça falarem a mesma língua.



● COMPRE EM
viana

APOIE O
**COMÉRCIO
LOCAL**

**JUNTOS
VAMOS
VENCER**



Ó meu amor de algum dia
Havemos de ir a Viana

Pedro Homem de Melo
2011/2012